

A series of five horizontal white lines of varying lengths, stacked vertically on the left side of the page.

Quarto narrador, um conceito em movimento

DEMÉTRIO DE AZEREDO SOSTER

*Universidade Federal de Sergipe
São Cristóvão, Sergipe, Brasil*

ID 2703

Recebido em

04/11/2022

Aceito em

19/01/2023

O artigo se propõe a revisar e atualizar o conceito de *quarto narrador*, por meio do qual o sistema midiático pode ser identificado como tal pelo viés do alinhamento temático em determinadas condições de enunciação. Inquieta-nos duas questões: a primeira, de ordem ontológica, tem a ver com a possibilidade de considerarmos o sistema um quarto extrato narrativo. A segunda, processual, observa como a processualidade da mediação afeta o *quarto narrador*. Conclui-se que compreender o *quarto narrador* implica tanto pensar a circulação midiática como dispositivo como admitir que estamos diante de um narrador multifacetado e plurivocal.

Palavras-chave: Quarto narrador. Mediação. Narrativas. Sistemas.

| Fourth Narrator, a Concept in Motion

The article aims to review and update the concept of the *fourth narrator*, through which the media system can be identified as such by the bias of thematic alignment in certain conditions of enunciation. Two questions concern us: the first, of an ontological order, has to do with the possibility of considering the system as a fourth narrative extract. The second, procedural, observes how the processuality of mediation affects the fourth narrator. It is concluded that understanding the fourth narrator implies both thinking about media circulation as a device and admitting that we are facing a multifaceted and plurivocal narrator.

Keywords: Fourth narrator. Mediatization. Narratives. Systems.

| Cuarto narrador, un concepto en movimiento

El artículo tiene como objetivo revisar y actualizar el concepto de *cuarto narrador*, a través del cual el sistema mediático puede ser identificado como tal por la sección de alineamiento temático en determinadas condiciones de enunciación. Dos cuestiones nos preocupan: la primera, de carácter ontológico, tiene que ver con la posibilidad de considerar el sistema como un cuarto extracto narrativo. La segunda, procedimental, observa cómo afecta el proceso de mediación en el *cuarto narrador*. Se concluye que comprender al *cuarto narrador* implica tanto pensar la circulación mediática como un dispositivo como admitir que estamos ante un narrador multifacético y plurívoco.

Palabras clave: Cuarto narrador. Mediatización. Narrativas. Sistemas.

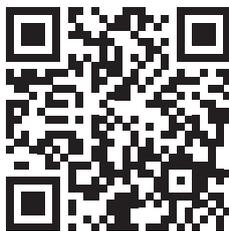
Demétrio de Azeredo **SOSTER**

Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos, 2009), com estágio pós-doutoral pela mesma instituição (2016). Professor do Departamento de Comunicação da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Pesquisa midiatização, narrativas e jornalismo.

Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão,
Sergipe, Brasil

E-mail: deazedososter@academico.ufs.br

ORCID



Constructo de natureza sistêmica

Este artigo retoma, revisa e atualiza, a partir do percurso de pesquisa identificado por seu autor (SOSTER, 2015a; 2016; 2017), o conceito de *quarto narrador*, por meio do qual o sistema midiático, no que ele tem de jornalístico, pode ser identificado como tal pelo viés do alinhamento temático. Ou seja, com Niklas Luhmann (2009), propomos refletir sobre o constructo de natureza sistêmica que emerge dos processos de enunciação realizados pelo conjunto de dispositivos que compõe o sistema midiático em suas operações e que, ao fim, emprestam identidade e diferença ao próprio sistema (SOSTER, 2015a; 2015b) em que se inserem. Ao fazê-lo, permitem que o sistema seja reconhecido como tal a) na relação consigo próprio, mas, também, b) no diálogo com os demais sistemas com os quais interage em suas operações e c) com o ambiente em que se insere – não se pode pensar ambiente sem considerar seu entorno.

Inquieta-nos, particularmente, duas questões, que procuraremos enfrentar neste artigo. A primeira, de ordem ontológica, tem a ver com a possibilidade de considerarmos o sistema um quarto extrato narrativo, como estamos propondo. Narradores, desde Walter Benjamin (2012) e passando por Silviano Santiago (2002), sabemos, são da ordem da estrutura dos dispositivos; considerá-los em termos sistêmicos implica transposições conceituais significativas. A segunda questão, de natureza processual, tem a ver com a forma como a mediação afeta o *quarto narrador* a partir dos atravessamentos e interposições provocados pelo que José Luiz Braga (2012) chama de “circuitos informacionais na discursividade midiática”, que não apenas reconfiguram lugares como nos remetem a um problema de circulação, à medida que se estabelece a partir de novos arranjos na maneira por meio da qual os discursos circulam (FAUSTO NETO, 2010).

Do que estamos falando? Dos momentos em que sites, mídias sociais, televisões, rádios, jornais e revistas – principalmente no que eles têm de jornalísticos, e aqui pensados como dispositivos estruturadores do sistema midiático – realizam, a partir de lógicas operacionais internas e em ocasiões especiais de enunciação, ofertas de sentidos tematicamente semelhantes. Ao fazê-lo, permitem que tanto dispositivo como sistema se constituam identitariamente. “Constituir-se identitariamente”, seja em termos de dispositivo ou de sistema, significa tanto adquirir uma identidade como ser reconhecido como tal por quem observa.

Isso ocorre, no âmbito do dispositivo, quando, por exemplo, acessamos um portal de notícias, assistimos a um telejornal ou lemos um jornal: mesmo não estando familiarizados com os dispositivos, pistas discursivas na superfície dos relatos, forma, logomarca, conteúdo etc. nos permitem inferir, culturalmente, que possuem natureza jornalística. Em termos de sistema, quando o conjunto de dispositivos dessa natureza disponibiliza o mesmo tema – o resultado de uma eleição presidencial, por exemplo –, dizemos, então, genericamente, que o assunto foi veiculado “na mídia”, o que provoca reconfigurações das mais diversas.

Com Jairo Ferreira (2013), aprendemos que dispositivos, isoladamente ou em seu conjunto, são lugares de transformação.

O dispositivo não é meio e nem mensagem. É um lugar de inscrição que se transforma em operador de novas condições de produção e de recepção, e, ao mesmo tempo, passagem e meio. Nesse duplo movimento, observa-se um deslocamento/reescalamento, instalando novas lógicas de classificações de contextos interacionais em que está inserido (FERREIRA, 2013, p. 147).

Dito de outra forma, sempre que nos referimos a “dispositivos” estamos falando de lugares processuais, de transformação, que são constantemente atravessados por circuitos informacionais que tanto interferem nas processualidades internas dos dispositivos quando em como os mesmos são transformados nesse movimento, conforme veremos adiante.

Irritação e sentido

Dois outros conceitos são necessários, ainda, à nossa compreensão, para que possamos avançar em nossa reflexão: irritação e sentido. A irritação, explica Luhmann (2009), é o fenômeno de natureza sistêmica que viabiliza o diálogo entre o sistema e o meio em que ele se insere, e entre esse sistema e os demais sistemas, neste caso, pelo viés do acoplamento estrutural. A irritação é sempre autoproduzida e parte das operações internas do sistema; ou seja, o sistema está seminalmente propenso a realizar suas próprias transformações internas, basta que algo do lado de “fora” desperte seu interesse.

O entorno pode afetar o sistema somente quando produz irritações (ou problemas e perturbações), que são elaboradas internamente: as irritações são elaborações internas do sistema, que resultam da confrontação dos eventos com as estruturas próprias do sistema. Não existem irritações no entorno do sistema: as irritações são sempre autoirritações, mesmo quando partem de eventos do entorno do sistema (CORSI; ESPOSITO; BARALDI, 1996, p. 19, tradução nossa).¹

Tomemos como exemplo, para uma melhor compreensão do que isso significa, uma notícia hipotética dando conta de um acidente de trânsito na área de cobertura de um jornal. Sabemos que acidentes de trânsito, à revelia de sua gravidade, estão entre os critérios e valores que norteiam a cobertura jornalística de boa parte, senão de todos os dispositivos de natureza jornalística. Ao saber do ocorrido, os jornalistas que estão na redação imediatamente deflagram uma série de operações internas – deslocamento, previsão de espaço na edição, formação de equipe para cobertura etc. – que redundarão, ao fim, em uma notícia sobre o acidente na edição do dia seguinte. Ou seja, a redação estava “preparada” operacionalmente para cobrir esse tipo de acontecimento, bastava apenas que o evento ocorresse para se transformar em notícia. Por isso, afirmamos que a irritação é sempre “autoproduzida”.

Sentido, com Eliseo Verón (1980), é o que emerge das semioses, compreendidas como “redes interdiscursivas de produção social de sentido” (VERÓN, 2004, p. 72), que ocorrem no interior dos dispositivos que integram o sistema midiático. Por esse viés, o que assistimos à noite, no telejornal, mais que informações são sentidos decorrentes de uma cadeia complexa de semioses ocorridas durante o expediente da emissora de televisão, e que, uma vez acessadas pelos telespectadores, vão produzir novas e sucessivas semioses, em um *looping* infinito.

Dito de outra maneira, sentido é o resultado das operações complexas inicialmente realizadas pelos primeiro, segundo e terceiro narradores, sobre os quais discorreremos mais adiante, no âmbito do dispositivo, e, em determinadas circunstâncias, pelo *quarto narrador*, agora em termos de sistema. Se considerarmos que os sentidos operam como uma espécie de meio sob a perspectiva a partir da qual formas sociais e psíquicas (LUHMANN, 2009) são formadas – entre estas, em uma livre interpretação, a própria forma do dispositivo e do sistema –, o que se chama genericamente de “linha editorial” nada mais é do que a estruturação da “personalidade” do dispositivo a partir de suas próprias operações de sentido (por isso dizemos que determinado veículo é de direita, esquerda, formal, informal etc.), e que os dispositivos imitam a lógica operacional do sistema em que se inserem (SOSTER, 2016; 2017), temos, aqui, uma importante pista para compreendermos como se forma o *quarto narrador*.

Tal compreensão passa, reiteramos, pelo que estamos chamando de alinhamento temático, cujo sentido, acreditamos, é autoevidente: teremos alinhamento temático quando as ofertas de sentidos de dois ou mais dispositivos forem semelhantes – o sistema nunca é *uno*; são necessários dois ou mais dispositivos

¹ No original: “El entorno puede adectar el sistema unicamente em cuanto produce irritaciones (o problemas y perturbaciones) que se reelaboran internamente: sin embargo, las irritaciones también son construcciones internas, que resultan de una confrontación de los eventos con las estructuras propias del sistema. Por lo tanto no existen irritaciones em el entorno del sistema: la irritación es sempre, en realidad una autoirritación partiendo eventualmente de eventos del entorno”.

para caracterizar o que chamamos de “sistema”. Se considerarmos, sob outro ângulo, que as operações dos dispositivos geralmente ocorrem por irritação – a qual, mesmo sendo autoproduzida, depende tanto de estímulos externos como internos² –, podemos inferir que a condição para que haja alinhamento temático entre os dispositivos é um acontecimento relevante o suficiente para irritar dois ou mais dispositivos do referido sistema, deflagrando, em ambos, uma série de operações internas que redundarão, ao fim, em ofertas de novos sentidos.

O alinhamento temático pode ser de duas grandes naturezas: previsível ou inesperado. Ele terá previsibilidade por ocasião de eventos de grande repercussão – caso das eleições presidenciais de 2022 (debates, agendas de candidatos etc.), por exemplo. Será inesperado por ocasião de tragédias de grande porte, como a ocorrida há três anos, quando houve o rompimento das barragens de Brumadinho,³ em Minas Gerais, e que resultou na morte de centenas de pessoas, em milhares de desabrigados e numa degradação ambiental sem precedentes. No primeiro caso, há uma expectativa prévia de que os fatos ocorram; no segundo, os acontecimentos surgem sem aviso prévio. É por meio do alinhamento temático que temos condições, finalmente, de dizer: a) que os dispositivos pertencem a um determinado sistema; mas, também, que b) eles personificam, desta forma, um quarto extrato narrativo, de natureza sistêmica, multifacetada e plurivocal.

Importante salientar que essa problemática nos interessa desde nossa tese de doutorado. Observamos, à época, que alguns acontecimentos – no caso, um escândalo envolvendo a manipulação do resultado de jogos do Campeonato Brasileiro de Futebol e a queda de um avião da companhia GOL na selva amazônica – não apenas se mostraram capazes de interferir de forma inesperada nas operações internas dos dispositivos que integravam o sistema midiático à época, como, em decorrência da processualidade da midiatização, os acontecimentos originais foram reconfigurados à medida que a notícia circulou pelo sistema.

Por este viés, a queda do avião da GOL se tornou, mais tarde, um evento nacional conhecido como Apagão Aéreo, ainda em 2006.⁴ Um ano antes, em 2005, o Escândalo da Arbitragem reconfigurou-se, após a repercussão midiática do acontecimento, em um evento conhecido como Máfia do Apito⁵ e de dimensões ainda mais significativas que as originais. Ainda que, à época, o conceito de *quarto narrador* ainda estivesse em fase seminal, uma observação atenta, desde então, de fenômenos dessa natureza nos permite afirmar que o sistema midiático se estrutura, nessas circunstâncias, como um quarto extrato narrativo que requer, igualmente, explicitação.

A gênese de um conceito

Admitir a existência de um quarto extrato narrativo a partir da processualidade sistêmica, em complementaridade aos primeiro, segundo e terceiros narradores – identificados, seminalmente, na literatura por Gérard Genette (1988), e no jornalismo por Luiz Motta (2013), exige tanto explicitação do que representa um e outro como as necessárias transposições conceituais. A mais significativa diz respeito ao fato de o *quarto narrador*, diferentemente dos extratos narrativos que o antecederam, é antes afeito, como dito, a uma processualidade que a um lugar situacional, o que requer instrumental analítico e interpretativo adequado.

² Se a irritação é autoproduzida, como sugere Luhmann (2019), ela ocorre a partir de uma espécie de seleção interna dos dispositivos. Neste sentido, só há irritação quando o acontecimento externo dialoga, de uma forma ou de outra, com os valores e critérios internos do dispositivo; caso contrário, simplesmente não ocorrem, por não serem “notados”. Ou seja, não basta ser um acontecimento para irritar o dispositivo; é preciso, ainda, que seja, de alguma forma, interessante às operações deste.

³ Disponível em: < <https://bit.ly/40RD6xP>>. Acesso em: 8 set. 2022.

⁴ Disponível em: < <http://bit.ly/40tLRhG>>. Acesso em: 9 set. 2022.

⁵ Disponível em: < <http://bit.ly/3G4uGLh>>. Acesso em: 8 set. 2022.

Bem por isso, é preciso considerar, nesta análise, que, por se inserir em uma processualidade, o *quarto narrador* – e aqui em diálogo com Bertalanffy (2013) e, mais tarde, com Luhmann (2009) – está em movimento. Ou seja, as pistas discursivas que nos permitem identificá-lo como tal operam como índices de camadas mais profundas de significação; ainda que sejam, em essência, o sistema, este não pode ser compreendido apenas por meio delas, é preciso pensar em termos de movimento, relacionalmente.

Não convém, portanto, que se pense os objetos de forma “separada”, como alerta Ferreira (2010), por ao menos três motivos: 1) estudar a comunicação em sociedades midiáticas requer superação da matriz de pensamento (teorias sociais, da linguagem e informacionais-cibernéticas, pelo menos), segundo as quais as partes de um todo podem ser observadas em separado, não relacionalmente; 2) se o objetivo existe relacionalmente, ou seja, na relação com o outro, estamos diante de um problema de circulação, haja vista que toda e qualquer relação implica em movimento das partes envolvidas; 3) em decorrência dos itens anteriores, na circulação, o objeto se encontra imerso em um complexo processo de conexões imprevistas de códigos, estruturas e sistemas em interação mobilizados pelas posições cambiantes entre produção e recepção, colocando em xeque posições históricas construídas (FERREIRA, 2013, p. 76).

Também porque, a partir de Sodré (2021, p. 36), o cenário que nos propomos analisar é marcado, comunicacionalmente, por “mutações” sociais decorrentes da presença, no cenário, de aspectos maquinímicos (inteligência artificial, tecnologias da informação etc.) associados a “novas formas de capital”, o que torna imperiosa a reformulação dos paradigmas funcionais adotados até agora para compreender fenômenos dessa natureza.

Por que compreender é vital? Primeiramente, porque não se trata apenas de um registro operativo, como “entender” de alguma coisa, ou seja, fixar um horizonte definido por um conteúdo último, e sim alcançar um dispositivo capaz de canalizar tanto a racionalidade cognitiva quanto a energia dos afetos individuais e coletivos. Em outros termos, capacitação ou abertura ontológica para cuidar de si como existência, para poder ser plenamente. Compreender implica, portanto, uma afinção (afetiva, política) com o mundo em sua diversidade (SODRÉ, 2021, p. 37).

Assumir essa perspectiva implica subsumir, desde agora, no cruzamento das teorias dos sistemas, da literatura, narrativas e do jornalismo, que isso que estamos chamando de “sistema”, em suas operações, não apenas possui uma voz narrativa, de natureza plurivocal e multifacetada, porque composta de muitas outras vozes e identidades, como também se comporta, neste contexto, como um narrador. Por isso o conceito de voz narrativa é caro aos nossos propósitos.

Há duas formas de compreendermos o que são vozes narrativas. A primeira tem a ver com o que emerge do narrador nos processos de enunciação por ele protagonizados; a segunda, mais sutil, é da ordem da “sistematização das categorias do discurso” (REIS; LOPES, 1988, p. 141), ou seja, uma componente estrutural do discurso (tempo, modo etc.). Interessa-nos, especificamente, a primeira perspectiva.

Numa acepção lata, fala-se em voz do narrador a propósito de toda manifestação da sua presença observável ao nível do enunciado narrativo, para além de sua primordial função de mediador da história contada; trata-se, então, de atentar nas chamadas intrusões do narrador enquanto afloramentos mais ou menos impressionantes de uma subjetividade que traduz específicos posicionamentos ideológicos e afetivos com inegáveis repercussões pragmáticas e semânticas (REIS; LOPES, 1988, p. 140).

Partindo desse pressuposto, vamos encontrar, em Motta (2013), as pistas necessárias para a compreensão de como se dão as disputas das vozes narrativas em uma perspectiva comunicacional, e com elas, finalmente, o fechamento conceitual do que são os primeiro, segundo e terceiro narradores (SOSTER, 2015a; 2015b; 2016; 2017). Se Genette (1988) o faz a partir de narrativas literárias, Motta (2013) percorre um caminho semelhante pelo viés do jornalismo: vai pensar nas organizações, seus jornalistas e as fontes destes como narradores. A ascendência,

nesse caso, é axiomática: a organização se sobrepondo ao jornalista, e este se colocando imediatamente acima de suas fontes, de tal maneira que, mesmo se admitindo uma perspectiva dialógica, é de cima para baixo que os processos se estabelecem. A Figura 1, a seguir, ilustra do que estamos afirmando.



Figura 1: O dispositivo

Fonte: Elaborada pelo autor.

Observa-se, nele, que o primeiro narrador é a organização ou instituição jornalística. O primeiro narrador, valendo-se de um conceito literário, é “extradiegético”, ou seja, encontra-se fisicamente “fora da história”, ainda que dela participe por meio de orientações editoriais, por exemplo. Estar “fora”, em oposição a “dentro” e em uma posição acima dos demais níveis narrativos, significa que ele é encontrado mais facilmente na superfície discursiva dos dispositivos (jornais e revistas, por exemplo), por meio de pistas textuais (expediente, editorial etc.), do que em textos como notícias e reportagens. Ao primeiro narrador cabe o papel de viabilizar, organizacionalmente, a existência dos demais níveis narrativos.

O jornalista é quem personifica o segundo narrador. Isso ocorre tanto por suas operações (apuração, redação, checagem etc.) quanto por suas escolhas. Seu lugar, portanto, é dentro da história, mesmo quando não assina seus textos, e por isso dizemos que é intradiegético – ou dentro da narrativa jornalística, se preferirmos. Importante observar que seus valores e critérios, à revelia do gênero textual que escolha para dar conta de suas operações (notícias, reportagens etc.), são determinados *a priori* pelo primeiro narrador. Ou seja, são baseados em critérios estabelecidos pelo primeiro narrador. Por exemplo: se, em seu trabalho de campo, o repórter age com relativa liberdade, mesmo quando orientado, na captação das informações, no processo de transformação em texto jornalístico, então precisa se submeter aos parâmetros editoriais (espaço, angulação, tonalidade etc.) do veículo em que trabalha, bem como aos constrangimentos operacionais do processo editorial.

Já o terceiro narrador são as “fontes” que o jornalista utiliza em seus relatos, independentemente do gênero discursivo a que pertençam. Seja em relatos informativos, diversionais ou interpretativos, o terceiro narrador participa da história subordinado ao segundo narrador. Em textos noticiosos, por exemplo,

sua função é referencial, ou seja, emprestar credibilidade aos relatos. Em textos mais elaborados estilisticamente, como é o caso das reportagens, podemos pensar o terceiro narrador como um personagem. Sua função, neste caso, é tanto referencial como estruturadora da narrativa. Existe, igualmente, intradiegeticamente, no âmbito da história narrada, ou seja, é localizado por meio de pistas discursivas na superfície dos relatos.

Mesmo considerando que, em determinados dispositivos – caso dos livros-reportagem, como constatamos em outro momento (SOSTER, 2015a) –, verifica-se uma reconfiguração das disputas entre as vozes narrativas – o segundo narrador se sobrepondo, hierarquicamente e em decorrência da ausência de periodicidade, aos primeiro e terceiro narradores, ainda que, aqui, os diálogos entre os três níveis narrativos se deem no âmbito do dispositivo. E o dispositivo, por si só, não obstante repetir em seu interior a lógica processual do sistema em que se insere, não é ele próprio o sistema: é preciso pensá-lo no diálogo com os demais dispositivos, o que só pode ser feito, insistimos, relacionalmente. Somente então poderemos pensá-lo em termos de extrato narrativo.

Vozes narrativas

Um outro problema de natureza conceitual se interpõe em nosso caminho: narrar, já o dissemos, usualmente requer alguém que o faça por meio de uma voz narrativa, que é identificável, igualmente, nas pistas discursivas deixadas ao longo dos relatos. Mesmo o primeiro narrador, no esquema de Motta (2013), apesar de seus matizes organizacionais, possui voz narrativa, que pode ser encontrada, por exemplo, nos editoriais das publicações.

Ou seja, vozes narrativas são sentidos gerados pelas semioses resultantes das operações internas dos dispositivos e identificáveis por meio de pistas discursivas deixadas na superfície dos relatos. O mesmo não ocorreria, em tese, com sistemas, pois são antes processualidades que lugares situacionais. Têm, no entanto, algo em comum com os narradores tradicionais, em uma livre interpretação de Motta (2013): seja no dispositivo ou no sistema, a narração nunca é uma coisa só, ou seja, sempre há mais de uma voz envolvida no processo narrativo. E, toda vez que se narra, sentidos são gerados. É dizer, de outro modo, que estamos falando de vozes seminalmente plurais – de onde o adjetivo “plurivocais”, à revelia de reverberarem a partir de um portal de notícias ou do conjunto de sites, mídias sociais, rádios, televisões, jornais, revistas, livros etc.

A diferença, comparando dispositivo e sistema, é que os sentidos gerados pelos primeiros decorrem de suas operações internas: nos sistemas, das operações internas dos dispositivos, mas, também, da relação destes com os demais dispositivos e com o próprio meio em que se inserem, em uma perspectiva tanto auto como correferencial, sem a qual não se poderia pensar em alinhamento temático – e, portanto, se há alinhamento, é porque há nexos entre as partes envolvidas, sejam eles visíveis ou não. Também é importante lembrar, conforme Luhmann (2009) já coloca, que um sistema é um observador de segunda ordem, sendo a observação uma pré-condição para a narração. Com isso, temos condições de delimitar conceitualmente o que entendemos por *quarto narrador*.

Estaremos diante de um quarto extrato narrativo, em complementaridade aos primeiro, segundo e terceiro narradores de Genette (1988), na literatura, e de Motta (2013), na comunicação, finalmente, quando os dispositivos que estruturam o sistema midiático comunicacional estiverem alinhados tematicamente. Para que haja alinhamento temático, é preciso que os sentidos resultantes das operações internas dos dispositivos não apenas sejam tematicamente semelhantes como se origem de acontecimentos de grande relevância, capazes, por sua natureza, de irritar os dispositivos que dão forma ao sistema.

Há pelo menos duas maneiras de um acontecimento interferir na processualidade do sistema midiático: 1) a partir das operações internas de apenas um dispositivo (site, mídia social, jornal, TV etc.) e junto aos demais, de forma correferencial. Isto ocorre quando um acontecimento irrita um dispositivo, é por ele

absorvido, tem sua complexidade reduzida e, finalmente, é devolvido ao meio sob a forma de sentido. Esse “novo” acontecimento irrita, então, de forma correferencial, os demais dispositivos do sistema; 2) a partir de dois ou mais dispositivos, simultaneamente, de forma sincronizada ou não. Isto se dá quando o impacto do ocorrido é potencialmente significativo a ponto de irritar, senão todos, boa parte dos dispositivos que integram o sistema midiático.

São os sentidos gerados pelas duas operações acima citadas que vão dar forma, por meio da tematização, ao *quarto narrador*. O *quarto narrador* trata-se, portanto, do conjunto de vozes narrativas emitidas pelos dispositivos e que são reconhecíveis entre si pelo viés da tematização, e que, sem seu conjunto, formam um sistema comunicacional de natureza multifacetada e plurivocal, que chamamos de jornalístico.

Os acontecimentos que permitem a emergência de um quarto extrato narrativo, relembremos, podem ser de duas ordens: previsíveis ou inesperados. No primeiro caso, quando há a expectativa prévia de sua realização (eleição presidencial, Copa do Mundo etc.). No segundo, quando todos são surpreendidos pelo acontecimento: um acidente de grandes dimensões, uma tragédia ecológica etc. Por ser uma processualidade, por fim, e não um lugar situacional, a condição primeira para que se compreenda o que é o *quarto narrador* é pensá-lo antes em movimento do que como lugar situacional, sob o risco de não compreendê-lo em essência. A Figura 2, a seguir, mesmo com as limitações inerentes a esses modelos de representação talvez nos ajude a compreender melhor o que estamos chamando de *quarto narrador*.

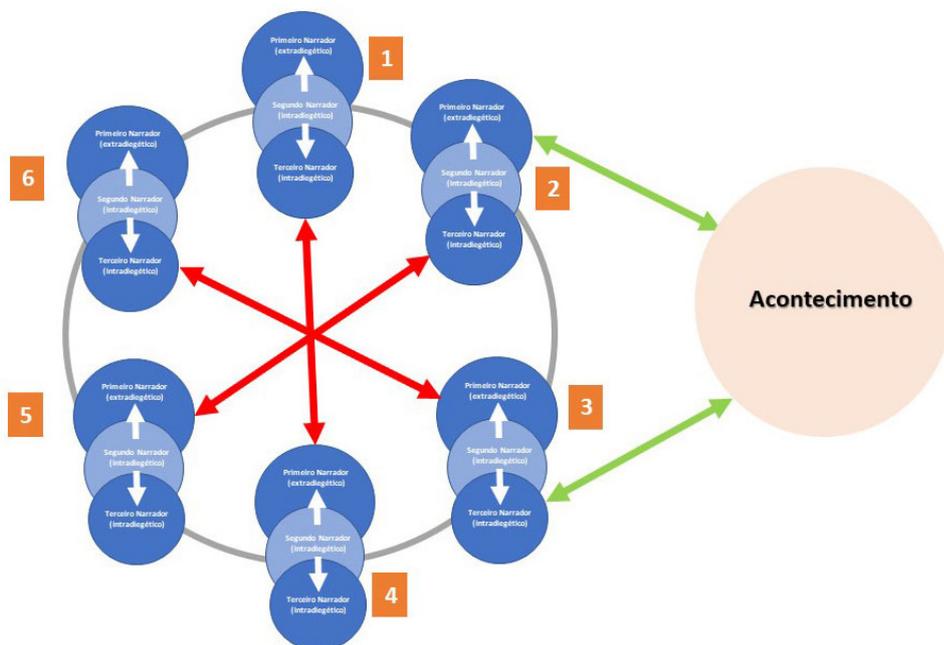


Figura 2: A formação do *quarto narrador*

Fonte: Elaborada pelo autor.

Acima, observamos:

1. Os campos de 1 a 6 são os dispositivos onde se localizam primeiro, segundo e terceiro narradores.
2. O círculo laranja representa os acontecimentos, previsíveis ou inesperados, com potencial de provocar a emergência do quarto extrato narrativo.
3. As setas da cor verde, que ligam os acontecimentos aos dispositivos, sugerem que o mesmo pode irritar um ou mais dispositivos, simultaneamente.
4. As setas vermelhas indicam os movimentos de correferenciação entre os dispositivos que ocorrem quando o sistema é irritado por um acontecimento.
5. O círculo de cor cinza, que atravessa os dispositivos, representa a tematização dos sentidos gerados pelas processualidades internas dos dispositivos; ao unir 1 a 6, sugere que estejamos diante de um sistema – sua forma, neste caso, pode ser percebida por meio do alinhamento temático dos dispositivos.

Midiatização como chave hermenêutica

Admitir a existência de um quarto extrato narrativo implica, sob outro ângulo, situá-lo em uma perspectiva epistemológica que nos permita refletir sobre ele de forma mais adequada. Com isso, chegamos à segunda questão a que nos propomos neste artigo: compreender como a processualidade da mediação afeta o *quarto narrador*. A mediação se interpõe como chave hermenêutica para essa compreensão: “[...] a cultura midiática se converte na referência sobre a qual a estrutura sócio-técnico-discursiva se estabelece, produzindo zonas de afetação em vários níveis da organização e da dinâmica da própria sociedade” (FAUSTO NETO, 2008, p. 93). Ou, conforme Sodré (2021, p. 25), “na articulação de organizações e instituições com os dispositivos de informação”.

Estamos nos referindo à instauração de uma cultura da virtualidade e das transformações das condições materiais de vida, do espaço e do tempo, devido aos espaços de fluxos e do tempo sem tempo (LE-MOS; SANTAELLA, 2010). Ou da potencialização de uma ecologia midiática, como sugeriu Neil Postman em 1968, no rastro de Harold Innis e Marshall McLuhan. Uma cultura de natureza convergente, dialogando com Henry Jenkins (2008), sobretudo mediada, ou uma nova ambiência, que Sodré (2002; 2021) vai chamar de “quarto bios”, a partir da categorização aristotélica,⁶ Gomes (2016) vai chamar de “uma nova forma de ser no mundo” e, por fim, Silverstone (2012), a partir de Isaiah Berlin, referencia como “uma textura da experiência”.

E que é marcada, de um lado, retomando Braga (2012), pela presença, na processualidade sistêmica, de circuitos informacionais múltiplos, o que nos remete para um problema de circulação. Circuitos informacionais múltiplos, já o dissemos (SOSTER, 2017), são os fluxos informativos que circulam pela tessitura da discursividade midiática, de forma autorizada ou não, e, nesse caminho, se interpõem e atravessam os dispositivos, reconfigurando-os.

O resultado mais perceptível desse movimento é a criação do que chamamos de Zonas Intermediárias de Circulação (ZICs) (SOSTER, 2016; 2017; 2018), ou seja, “zonas de contato” (FAUSTO NETO, 2010) que se criam no interior das redações de jornais, rádios, televisões, sites etc. sempre que estas recebem, por meio da internet, novas informações. Tais informações ou circuitos serão autorizados quando tiverem como origem agências de notícias, serviços informativos ou agentes ligados aos processos produtivos. Não serão autorizadas quando tiverem como origem, por exemplo, mensagens enviadas por *bots* ou por pessoas alheias aos processos produtivos, mas que, de uma forma ou de outra, conseguem estabelecer relações com as redações por meio dos nós e conexões da internet.

⁶ O primeiro bios diz respeito à vida contemplativa; o segundo, à vida política; o terceiro, à vida prazerosa (SODRÉ, 2002, p. 25).

As ZICs são consideradas “intermediárias” porque se visibilizam no diálogo entre sistema, meio e demais sistemas, tensionando estas instâncias identitariamente. Tornam-se visíveis igualmente pelo viés de marcas não homogêneas (VERON, 1980, 2004) distribuídas na superfície dos objetos analisados na forma de operações linguísticas, o que nos coloca, portanto, diante de um problema de circulação (SOSTER, 2017, [s.p]).

A referência às ZICs, ainda que rápida, é importante para nossos propósitos porque elas ilustram como os circuitos informacionais interferem nas processualidades internas dos dispositivos, reconfigurando processos e exigindo de quem analisa novas gramáticas interpretativas. Em particular porque nos projeta para um problema de circulação à medida que seu surgimento deriva da ação, como dissemos, dos circuitos informacionais múltiplos sobre os dispositivos, mas, também, porque se estabelece em uma nova ecologia comunicacional, cuja metáfora mais evidente é a rede.

Não nos demoraremos aqui, igualmente, em torno do conceito de circulação, apesar de sua relevância para nossos propósitos – por economia de espaço, mas também por ele ter sido tratado com mais propriedade por autores como Antônio Fausto Neto (2018) e outros.⁷ Interessa observar, principalmente, que a circulação se agrega a nossos propósitos na condição antes de lugar situacional do que de ponto de passagem, ou mesmo diferença, entre as gramáticas de produção/emissão e reconhecimento/recepção, no diálogo com Verón (2013).

É dizer, de outro modo, que a instância circulação, como estamos pensando, é ela mesma um dispositivo e, portanto, um lugar situacional de transformação, onde sentidos são gerados, e processualidades, reconfiguradas. Compreender esse lugar metodologicamente, por sua vez, torna necessário que se abra mão de gramáticas interpretativas tradicionais e se considere, no percurso, a matriz constitutiva de objetos dinâmicos, como um quarto extrato narrativo cuja “forma” deriva da ação provocada pela processualidade da midiaticização na discursividade midiática.

Pesquisa implica especulação, prospecção e descoberta, não a fixação acadêmica de métodos de reprodução do já dado. Ausentes da compreensão política, congelados em modelos – que constituem apenas um momento técnico do saber científico –, esses métodos *perigam* constituir um verdadeiro obstáculo à compreensão do fenômeno comunicacional. A reprodução acadêmica é o vício teórico que gera efeitos burocráticos, ainda que na obscuridade cognitiva. Daí o imperativo da reformulação dos paradigmas funcionais em que tradicionalmente se apoiaram os estudos nesse campo (SODRÉ, 2021, p. 36).

Dito isto, passemos às considerações interpretativas.

Considerações interpretativas

Propusemos, neste artigo, retomar e atualizar as reflexões em torno do conceito de *quarto narrador*, que tem sido alvo de nossa atenção acadêmica há algum tempo – *quarto narrador* aqui compreendido como “a forma” do sistema midiático em determinadas condições de enunciação e no que ele tem de jornalístico-comunicacional. Buscamos, especificamente, observar duas questões: a primeira, de natureza ontológica, ligada à compreensão de que o sistema personifica, ele próprio e em determinadas condições, o propalado quarto extrato narrativo, de natureza multifacetada e plurivocal, mas, também, como a processualidade da midiaticização, por meio do fluxo informacional de circuitos múltiplos, autorizados ou não, afeta o *quarto narrador*.

⁷ Recomendamos, para uma compreensão mais ampla do conceito de circulação, desde suas origens até seu estágio atual, a leitura do artigo “Circulação: trajetos conceituais”, de Antônio Fausto Neto (2018).

Enfrentar essas duas questões exigiu, em primeiro lugar, uma transposição conceitual, em particular no que toca ao reconhecimento de um quarto extrato narrativo e de sua relação com os primeiro, segundo e terceiro narradores. Os três primeiros, já o dissemos, são afeitos a lugares situacionais – os dispositivos –, ao passo que o quarto é afeito a uma processualidade; reconhecer este último como detentor de voz narrativa, a exemplo do que ocorre com os três primeiros, implica reconhecer, e delimitar, tanto suas identidades quanto a diferença que emerge dessa condição. É dizer, por outras palavras, que reconhecer a existência de vozes narrativas no *quarto narrador* implica subsumir que estas, diferentemente das demais, são multifacetadas e plurivocais; ainda assim, vozes narrativas.

Isto posto, e encaminhando para o fechamento de nossa reflexão, quer nos parecer que essas questões, para que possam ser consideradas metodologicamente, requerem a compreensão de que estamos diante de um problema de circulação – circulação aqui pensada como lugar situacional, ou dispositivo. Inserimos, desta forma, com Verón (2004), a circulação nos mesmos patamares que as gramáticas de produção/emissão ou reconhecimento/recepção, permitindo, ao que se propõe analisar o *quarto narrador*, um recorte espaço-temporal, mas, também, dificuldades epistemológicas e metodológicas consideráveis, desafio que enfrentaremos daqui pra frente.

Referências

- BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre a literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 2012. (Obras escolhidas I.)
- BERTALANFFY, L. **Teoria geral dos sistemas**. Tradução de Francisco M. Guimarães. Petrópolis: Vozes, 2013.
- BRAGA, J. L. Circuitos versus campos sociais. In: MATTOS, M. Â. et al. (org.). **Mediatização & midiatização**. Salvador; Brasília: Edufba; Compós, 2012. p. 31-52.
- CORSI, G.; ESPOSITO, E.; BARALDI, C. **Glosario sobre la teoría social de Niklas Luhmann**. Guadalajara, México: Instituto Tecnológico y de Estudios Superiores de Occidente (Iteso); Editorial Anthropos, 1996.
- FAUSTO NETO, A. Fragmentos de uma “analítica” da midiatização. **Revista Matrizes**, v. 1, n. 2, p. 89-105, abr. 2008. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38194>>. Acesso em: 20 jan. 2023.
- _____. As bordas da circulação. In: COLOQUIO DEL PROYECTO “MEDIATIZACIÓN, SOCIEDAD Y SENTIDO: APROXIMACIONES COMPARATIVAS DE LOS MODELOS BRASILEÑO Y ARGENTINO”, 2010. **Anais**: Mediatización, sociedad y sentido: diálogos entre Brasil y Argentina. Argentina: Universidad Nacional de Rosario, Departamento de Ciencias de la Comunicación, 2010.
- _____. Circulação: trajetos conceituais. **Rizoma**, v. 6, n. 2, p. 8-40, jul. 2018. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/rizoma/article/view/13004>>. Acesso em: 19 jan. 2023.
- FERREIRA, J. Como a circulação direciona os dispositivos, indivíduos e instituições?. In: BRAGA, J. L. et al. (org.). **Dez perguntas para a produção de conhecimento em comunicação**. 1. ed. v. 1. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2013.
- GENETTE, G. **Figuras III**. Barcelona: Lumen, 1988.
- GOMES, P. G. **Midiatização**: um novo modo de ser em sociedade. São Paulo: Paulinas, 2016.
- JENKINS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.
- LEMONS, R.; SANTAELLA, L. **Redes sociais digitais**. São Paulo: Paulus, 2010.
- LUHMANN, N. **Introdução à teoria dos sistemas**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.
- MOTTA, L. G. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora UnB, 2013.
- REIS, C.; LOPES, A. C. M. **Dicionário de teoria da narrativa**. São Paulo: Ática, 1988.
- SANTIAGO, S. **Nas malhas da letra**. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.
- SILVERSTONE, R. **Por que estudar a mídia?**. São Paulo: Loyola, 2012.

SODRÉ, M. **Antropológica do espelho**: uma teoria da comunicação linear e em rede. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

_____. **A sociedade incivil**: mídia, iliberalismo e finanças. Rio de Janeiro: Vozes, 2021.

SOSTER, D. A. **A literatura, o sistema midiático e a emergência do quarto narrador**. Signo (UNISC. Online), v. 1, p. 154-161, 2016.

_____. O quarto narrador, a midiaticização e as narrativas da violência. **Revista Intercom**, São Paulo, v. 40, n. 1, p. 41-58, jan./abr. 2017.

_____. A circulação como instância reconfiguradora do jornalismo midiaticizado. **Questões Transversais – Revista de Epistemologias da Comunicação**, v. 6, p. 113-120, 2018.

SOSTER, D. A. **O jornalismo em novos territórios conceituais**: internet, midiaticização e a reconfiguração dos sentidos midiáticos. 186 f. 2009. Tese (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2009.

_____. O jornalismo midiaticizado e a reconfiguração das vozes narrativas nos livros-reportagem de Eliane Brum. In: FAUSTO NETO, A.; ANSELMINO, N.; GINDIN, I. L. (org.). **Relatos de investigaciones sobre mediaticizaciones**. 1. ed. Rosario, Argentina: UNR Editora; Editorial de la Universidad Nacional de Rosario, 2015a. p. 255-270.

_____. O sistema como quarto narrador do jornalismo. In: TEMER, A. C. R. P.; SANTOS, M. (org.). **Fronteiras híbridas do jornalismo**. 1. ed. v. 3. Curitiba: Appris, 2015b. p. 161-176.

VERÓN, E. **A produção de sentido**. São Paulo: Editora Cultrix, 1980.

_____. **Fragments de um tecido**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

_____. **La semiosis social, 2**: ideas, momentos, interpretantes. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Paidós, 2013.

Informações sobre o artigo

Resultado de projeto de pesquisa, de dissertação, tese

Não se aplica.

Fontes de financiamento

Não se aplica.

Considerações éticas

Não se aplica.

Declaração de conflito de interesses

Não se aplica.

Apresentação anterior

Não se aplica.

Agradecimentos/Contribuições adicionais:

Não se aplica.